

## A constituição de Deus na obra hilstiana

Mestranda Kamilla Kristina Sousa França Coelho<sup>1</sup>

### Resumo:

*Este trabalho busca estudar as imagens da religiosidade na poesia de Hilda Hilst (1930-2004). Auxiliada por leituras de críticos e estudiosos da obra hilstiana, abordaremos um poema que possui como tema a busca de Deus e o anseio da autora por entender a figura divina; já que essas são características que fundamentam toda a obra hilstiana e, em especial, a obra Poemas malditos, gozosos e devotos. Deste modo, percebemos o quanto as imagens construídas pela escritora para entender e caracterizar Deus são profundas e extremamente explicativas. Buscaremos entender o religioso dentro da perspectiva do imaginário de Durand e da Psicologia de Jung. A escolha do tema religiosidade, juntamente com as teorias do imaginário, é justificada por ser ainda pouco estudado no meio acadêmico, mas principalmente por ser um campo surpreendente dentro da obra hilstiana.*

**Palavras-chave:** Hilda Hilst, arquétipos, poesia, imaginário e Deus.

### Introdução

Quando Gilbert Durand escreve sobre o imaginário e Carl Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo, eles estavam percebendo que os sentidos comuns compartilhados em diversas épocas por diversas sociedades possibilitavam o nascimento do mito como explicação dos temores e dúvidas que as pessoas viviam. Um dos arquétipos mais polêmicos, presente no inconsciente coletivo de todas as sociedades existentes, é a figura de Deus e a dúvida de como devemos encará-lo e entendê-lo.

Hilda Hilst decide criar o seu próprio imaginário para sua obra, entendendo ser este o meio possível para o entendimento do ser divino.

### 1 Hilda Hilst e Deus

Hilda Hilst (1930-2004), escritora nascida em Jaú-SP, destaca-se dentro da contemporaneidade pela diversidade de gêneros produzidos e pela profundidade na escolha dos temas para sua obra. Variando entre teatro, prosa, poesia e crônica, Hilst trabalha o amor, o erotismo, a morte, a efemeridade do tempo, debate sobre o ato da escritura e, também, caminha para a construção de um sentido de Deus.

Elegemos o tema da religiosidade para nosso estudo, com o objetivo de voltarmos os nossos olhos para as imagens que integram o imaginário hilstiano. Para estudar este tema, não poderíamos deixar de nos remeter às teorias de Carl Gustav Jung, Mircea Eliade, Maria Zaíra Turchi e Bachelard. Portanto, selecionamos um poema de Hilst, que se encontra na obra *Poemas malditos, gozosos e devotos*, já que nela percebemos a presença de um questionamento muito acentuado acerca de Deus, e por isso a forte presença de imagens da religiosidade. Além disso, essa obra foi selecionada porque, como nos revela Pécora (2005),

---

<sup>1</sup> **Kamilla COELHO**, mestranda.  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
Instituto de Letras – ILEEL  
kamilla\_lili@yahoo.com.br

todos os 21 poemas que compõem o livro têm a forma de uma apóstrofe ao Deus que foge daquele que mais ardentemente o deseja. Além disso, a escritora, para não se desligar do tema da religiosidade, escolheu sabiamente esta epígrafe para dar início à obra *Poemas malditos, gozosos e devotos*: “Pensar Deus é apenas uma certa maneira de pensar o mundo”, de Simone Weil. Esse “Pensar Deus”, essa idéia da figura divina, está em todos os poemas da obra.

Segundo Gilbert Durand (1997, p.18), o imaginário é o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*, e, assim, aparece-nos como o grande denominador fundamental em que se encontram todas as criações do pensamento humano; logo, o imaginário construído por Hilda Hilst seriam as imagens criadas para caracterizar Deus e a relação que elas estabelecem entre si, como, por exemplo, no poema VII da obra em questão, em que a poeta almeja descrever Deus:

É rígido e mata  
Com seu corpo-estaca  
Ama mas crucifica.

O texto é sangue  
E hidromel.  
É sedoso e tem garra  
E lambe teu esforço.

Mastiga teu gozo  
Se tens sede, é fel.

Tem tríplices caninos.  
Te trespassa o rosto  
E chora menino  
Enquanto agonizas.

É pai filho e passarinho.

Ama. Pode ser fino  
Como inglês.

É genuíno. Piedoso

Quase sempre assassino.  
É Deus. (HILST, 2005, p.29)

Nota-se a presença no poema de um Deus impiedoso, que vive da carne dos humanos e dos nossos sacrifícios para mantê-lo vivo. Tal fato faz-nos recordar do Deus impiedoso do Antigo Testamento, que punha seus servos em situação de provação. Abraão, por exemplo, que deveria oferecer seu filho em sacrifício a Deus: “Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei.” (BÍBLIA, 1999, p. 22 – Velho Testamento); como Jefté que havia prometido sacrificar a primeira pessoa de aparecesse à porta de sua casa para recebê-lo se ganhasse a guerra, e quem o recebeu foi sua única filha, de modo que o pai sacrifica a filha em devoção a Deus (episódio descrito em “Juízes 11”). Outros sacrifícios da carne também se encontram com frequência no Antigo Testamento quando os grandes homens daquele momento sempre sacrificavam o melhor animal de seu rebanho a Deus. Esses sacrifícios de animais deveriam acontecer, preferencialmente, em um lugar alto, já que esses ambientes eram os mais próximos de Deus. Por isso, há tanta presença de montanhas, morros e templos nas altas terras tanto na Bíblia como hoje em dia, como, por exemplo, as igrejas, as

cruzes e o próprio Cristo Redentor se encontram no alto de morros. Esse lugar elevado, geograficamente, também representa um lugar elevado espiritualmente, fato que nos levaria a aproximar de Deus.

Cito aqui a Bíblia, mas podemos nos lembrar que o assunto da existência ou não de Deus está presente em diversas tribos, comunidades e seitas do mundo todo, isso porque o desejo por um ser superior no controle de tudo faz parte do nosso inconsciente coletivo, compondo os arquétipos que todos possuímos. Lembrando que Jung (2007) conceitua os arquétipos como estruturas das imagens primordiais da fantasia do inconsciente coletivo, elementos estruturais da psique inconsciente formadores do mito. Ou seja, os mitos que o ser humano possui e as imagens que criamos são resultados de um inconsciente que está presente em todos, não importa quando viveu, onde viveu e com quem viveu. Com essa formação do mito, esse princípio central – gerado pelo inconsciente coletivo – seria o “mitema, [a] grande unidade constitutiva.” (DURAND, 1993, p.48).

Esse mitema, o ser divino, também necessitava de sacrifícios na Grécia Antiga, de modo que os gregos também se preocupavam com oferendas periódicas sacrificando animais aos deuses do Olimpo com a finalidade de buscar a proteção deles contra a ida para o Tártaro (Mundo dos mortos, governado por Hades), uma espécie de inferno para onde os condenados eram enviados depois da morte, ou sacrificavam com o objetivo de conseguir a vitória na guerra. Enfatizando a importância do sacrifício em diversas culturas, René Girard (1990) destaca que o sacrifício sempre foi definido como uma mediação entre um sacrificador e uma divindade. A violência seria o meio para uma proximidade com o ser divino e caminho para que se conseguisse a sua proteção e misericórdia.

Para Hilst, o sacrifício também é algo significativo, nos revelando que os sacrifícios eram necessários para se chegar a Deus. Isso porque ele é um comedor de ossos e bebedor do nosso sangue, como vemos em outros poemas da obra já citada: “Só sei que me desmereço se não sangro.” (HILST, 2005, p.41); “Para um Deus, que singular prazer./ Ser o dono de ossos, ser o dono de carnes/ Ser o Senhor de um breve Nada: o homem” (idem, p. 23) Sendo que, como Alcir Pécora (2005) destaca na introdução à obra, ela é uma apóstrofe ao Deus. Apóstrofes cujas pistas tênues são invariavelmente deixadas sobre um caminho de pesares, nos quais, não raro, a perversidade sanguinária é a principal evidência da sua existência. É dessa perversidade sanguinária, em especial, do sacrifício que destacaremos neste artigo.

Tomemos atenção às partes do poema acima transcrito, já que “A atenção às partes leva à percepção do todo.” (BOSI, 2001, p.14). Deus, então, *É rígido e mata*, mata animais em seu sacrifício, exige o sacrifício de seres inofensivos em seu louvor, exige o sacrifício de nosso tempo e disposição para o trabalho de engrandecê-lo. O sacrifício não está aqui somente ligado à morte física, mas a morte de parte do nosso tempo em dedicação a Deus, a morte de nossos desejos considerados pervertidos ou impuros, para exaltar a vontade divina. *Com seu corpo-estaca*, um corpo pontiagudo, pronto para perfurar-nos, para roubar-nos a vida. Estaca é um termo muito usado em referência à cruz que Jesus foi crucificado, podendo ser também a arma causadora de muitas mortes. Além disso, ele *Ama mas crucifica*, assim como fez com Jesus, com a filha de Jefté e como quase fez como o filho de Abraão. O duplo e o dialético estão novamente presente em Deus: *O texto é sangue/ E hidromel./ É sedoso e tem garra/ E lambe teu esforço*. O ser divino viveria do nosso esforço e do nosso suor, seria sedoso e atraente, mas teria garras à nossa espera. Mostra da necessidade de nossas vidas como sacrifício para sua sobrevivência. Seria hidromel<sup>2</sup>, mas também sangue.

---

<sup>2</sup> Bebida que é o resultado de uma mistura entre água e mel, ou vinagre e mel, podendo ou não ser fermentada.

*Mastiga teu gozo*: o ser divino pega aquilo que há de melhor na tua vida - teu gozo - e mastiga, ele usufrui o melhor da nossa existência, sendo que podemos entender mastigar como triturar e aniquilar, por fim a tudo que temos de melhor. A poeta ainda nos alerta, *Se tens sede, é fel.*, quando precisares dele, quando tiveres sede, não encontrarás “rios de água viva” (BÍBLIA, 1999, p.109 – Novo Testamento), mas sim o que há de mais amargo e mais oposto ao hidromel. Deus *Tem tríplices caninos./ Te trespassa o rosto*, ele, como um animal selvagem e feroz, nos atacaria o rosto com suas presas sem dó, nos levaria a morte, *E chora menino / Enquanto agonizas*. O menino nos remete a um ser inofensivo e indefeso que agoniza e sofre uma punição severa da morte sem ter culpa. Além disso, podemos nos lembrar com relação às garras, ao estudo de Durand sobre a animalização de seres como a morte, o tempo, dentre outros. Ele nos recorda do Cérbero Infernal, mostro guardião do inferno, que é um cão com três cabeças e bocas enormes e imensas mandíbulas; o deus do tempo, Cronos, como um animal com grandes mandíbulas para se alimentar de nós, e nos devorar. Logo, as mandíbulas e a boca imensa são representantes de morte e devoração do indefeso. Assim também se figuram as garras, elas são um representante de poder sobre o mais fraco, como Zeus que se transforma em águia para raptar Ganimedes.

Deus *É pai filho e passarinho*; é pai, pois determina muito de nosso futuro, é filho, pois obedece e é inseguro; e passarinho, já que é livre, mas muito sensível. A figura do duplo, aqui pode ser estendida pela autonomia e soberania do pai e a pequenez e obediência do filho, como Jesus que obedece ao desejo de seu pai e vem à Terra para ser sacrificado. O passarinho prolonga tal idéia, já que ele pode ver e conhecer muito mais coisas que nós homens na terra, mas é mais frágil e pequeno do que nós. Ele *Ama.*, mesmo necessitando do nosso sangue e carne, ele ama. Deus *Pode ser fino/ Como inglês.*, pode ser educado e saber se comportar como a famosa tradição de educação dos ingleses, mas pode ser um animal selvagem com suas garras em nosso rosto. Deus é ambíguo, “Ele engendra, fecunda e mata, pois é ao mesmo tempo amor e morte; depois, volta a engendrar, e de novo mata, sempre a dançar além das fronteiras da lógica” (KAZANTZAKIS, 1959, p.85)

O eu-lírico termina concretizando o duplo no poema. O ser divino *É genuíno. Piedoso*, bom, puro e caridoso, mas *Quase sempre assassino.*, esse dialética – característica principal do regime noturno místico - *É Deus*.

Durand esclarece, melhor explicando, que parte do imaginário é composta pelo Regime noturno místico, período em que “os princípios de ANALOGIA e de SIMILITUDE actuam plenamente.” (DURAND, 1993, p. 81), sendo que Turchi (2003) classifica essa fase como o ambiente da poesia. Dessa forma, notamos a presença do regime noturno místico, já que há uma tentativa de olhar Deus como um ser enigmático, que dizem ser bom, mas que é ruim e egoísta ao mesmo tempo. Deus que *Ama mas crucifica*, e *É sedoso e tem garra*, *é hidromel e Fel*, é o Deus duplo, com dois lados e duas caras. A dupla face de Deus já havia sido percebida pelo autor de *O gênio do Cristianismo*, quando diz: “O Deus da Escritura se arrepende, é ciumento, ama, odeia; sua cólera cresce como um turbilhão” (CHATEAUBRIAND, 1987, p.121)

Questões como as expostas no poema: ‘quem é Deus?’ ou ‘ele é bom ou ruim?’, figuram na história de inúmeras crenças e grupos sociais; ainda que o deus em questão, para cada tribo ou povo, não seja o mesmo, mas é isso que constitui o inconsciente coletivo da sociedade, “que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal” (JUNG, 2007, p.53), isto é, para a idéia – o arquétipo de deus – de uma divindade soberana, cada cultura cria seu símbolo, sua imagem e sua representação. Embora diversificados, Eliade assegura que todos eles são “uranianos”, isto é, habitam o céu. Lembrando que o inconsciente coletivo “não é composto por experiência biográfica que foram reprimidas; é, antes de tudo, um fator hereditário, nasce

com o indivíduo é parte essencial do todo que compõe o homem como espécie.” (OLIVEIRA, 2006, p. 46) Os mitos da grande mãe - sendo Maria, Iemanjá ou outras -, o mito do paraíso perdido - do passado como melhor do que o hoje - de Deus, do céu, fazem parte do inconsciente coletivo da sociedade global.

Com o auxílio desse princípio do inconsciente coletivo, podemos entender quando Adorno revela que o conteúdo de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais, “Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, exatamente em virtude da especificação de seu tomar-forma estético, adquirem participação no universal.” (ADORNO, 1983, p.193-4). A busca por Deus e pelo seu entendimento é algo que nos torna semelhantes em aflições, dúvidas e esperanças.

Tal estudo do imaginário é, também, seguido por Bachelard, que “propõe-se a abordar a compreensão do simbólico, dando-lhe o nome de fenomenologia dinâmica, na qual o imaginário é o dinamismo criador, a potência poética das imagens.” (TURCHI, 2003, p.21) Somente a presença das imagens e a relação entre elas levariam à criação do poema e, logo, a uma ligação estreita entre os homens, através da identificação de sentimentos, possível pelo inconsciente coletivo. Quando lemos as imagens fundadas por Hilst no poema, notamos que já sentimos Deus como fel e outros como hidromel, e a identificação de nossos sentimentos com tais imagens e, principalmente, o todo que elas proporcionam, nos fazem sentir parte do social, parte do todo e da humanidade.

Esse conteúdo comum dos humanos – inconsciente coletivo – possibilitaria a criação dos mitos universais, que levariam o ser humano ao melhor entendimento de si mesmo. Assim, Eliade explica que “o pensamento simbólico, o mito, não possui apenas “prenhez simbólica”, mas é um verdadeiro doador de sentido” (idem, p.22). Mitos de Zeus, Dionísio, Hércules, Odisseu, Aquiles, [Afrodite](#), Poseidon, Hades, Hera, Apolo, Artemis, Ares, Atena, Hermes, Hefestos, e, inclusive, a Bíblia e/ou Corão, podem ser considerados formas de representação dos nossos medos, anseios e desejos que se encontram presentes no inconsciente coletivo que “é constituído essencialmente de arquétipos.” (JUNG, 2007, p.53). E mesmo sendo diversos e diferentes os deuses, eles podem ser considerados uma idéia só, já que são a melhor forma de encontrarmos explicação para a vida e para nos explicarmos, principalmente. Logo, “Por mais que seja diverso, o divino é, com certeza, aquilo que, da forma mais intensa possível, nos dá a sensação de estar vivos.” (CALASSO, 2004, p.33) O ato de fala acerca de Deus também representa o nosso desejo de conhecê-lo, assim, “A estátua do deus é uma apropriação de algo que nos deve transcender. Pode abrir a porta para o fetiche.” (BOSI, 1977, p.14)

Esse imaginário hilstiano sobre religioso fecunda e brota com mais facilidade na poesia, pois o poema é como ponto de interseção entre o poder divino e a liberdade humana, e é “a palavra poética a mediação entre o sagrado e os homens”. (PAZ, 1984, p.62) Portanto, já que a poesia é um gênero mais subjetivo – e, por isso, também mais universal, como explica Adorno (1983) – a identificação do leitor com o conteúdo do poema é justificada, inclusive, na procura e desejo pelo ser divino, sendo que o poema seria a explicação e a antecedência de algum sentimento expresso pelo eu, que a maioria dos leitores não era ainda capaz de perceber em/por si mesmos.

Entendendo que o imaginário é composto de imagens e das relações entre elas, termino ressaltando a importância de imagens poéticas na obra literária. Para Octávio Paz, ela seria “como um *recurso desesperado* de que dispomos *contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência do que nos rodeia e de nós mesmos.*” (VIEIRA, 2005, p.20) Somente a imagem poética - que aparece como um novo ser da linguagem, e que

em nada se compara a uma metáfora comum (BACHELARD, 1988, p.3) – seria capaz de explicar o amor, o medo da morte e a figura de Deus, por exemplo; já que tais fatores são sentidos por todos, porém, somente explicados pela poesia e suas imagens. Isso porque “a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir da linguagem”. (idem)

## **2 Deus, sempre o personagem maior de Hilda Hilst**

Hilda Hilst revela que a sua obra é uma busca ininterrupta por Deus, conforme declarou ao *Cadernos da Literatura Brasileira*: “Posso blasfemar muito, mas o meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus.” (1999, p.30) A poeta revela ainda em uma entrevista, a Sônia de Amorim Mascaro (1986, p.5), que almejava o ser divino:

E eu desafiei-O muitas vezes em meus livros como uma blasfêmia para ver se de repente dava um furor Nele e Ele dizia: ‘está bem, eu estou aqui.’, ou seja o que for, surgisse qualquer luz impressionante, qualquer coisa, que me pudesse dar pelo menos uma explicação de algum ato mínimo da vida.

De tal forma, destacamos que a obra da escritora é uma busca sincera, desesperada, do Deus esquivo e inalcançável, incognoscível. Segundo Ribeiro (1999, p.80), a escritora duvida de Deus e cria questionamento buscando uma resposta para a dúvida sobre a sua existência:

Hilda Hilst põe em dúvida a existência de Deus e oscila entre a suprema esperança de haver um significado maior e recôndito para a vida humana e um niilismo que de tudo descrê – e por força disso, ergue blasfêmias contra Deus e injúria o que seriam impiedades divinas – para o caso de Deus existir –, no tocante às orações e súplicas dos seres humanos.

Entendemos, conseqüentemente, que na obra de Hilst se faz presente uma grande dúvida em relação a Deus. O que faz com que os personagens de suas obras (e seu eu-lírico), em algum momento, direcionem questionamentos à figura divina. Não obtendo resposta, este ato gera mais perguntas e frustrações. Esse desejo faz-se presente em sua obra por se tratar de um anseio da poeta, já que possuía: “Uma alma que procura[va] cega, obsessiva, pelo indizível que nos disseram haver um dia: Deus.” (ABREU, 2006)

## **Conclusão**

Concluimos este artigo afirmando a importância de estudar a figura divina dentro da obra de Hilda Hilst, por ser um tema instigante, além de ser pouco estudado. Além disso, esse tema merece destaque, pois a poeta cria imagens únicas para constituir Deus desenvolvendo uma escrita muito apropriada; já que entrariam as imagens grotescas, de fragilidade, de insegurança para tratar do tema. Espera-se que este artigo tenha se concretizado em um convite à leitura e ao estudo da obra de Hilda Hilst, fatores que certamente possibilitariam a diversificação de interpretações, enriquecendo a obra.

## **Referências Bibliográficas**

[1] ABREU, Caio Fernando. **Sobre A obscena senhora D.** Disponível em: <<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticacfa.html>>. Acesso em: 7 mar. 2006.

- [2] ADORNO, Theodor. Conferência sobre lírica e sociedade. In: BENJAMIN, HORKHEIMER, ADORNO, HABERMAS. **Textos escolhidos**. Tradução José Lino Grünewald. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores), p.193-208
- [3] BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205p.
- [4] **BÍBLIA Sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- [5] BOSI, Alfredo (org.). **Leitura de Poesia**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- [6] \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- [7] CHATEAUBRIAND, François René. O gênio do cristianismo (excertos). In: LOBO, Luíza. **Teorias poéticas do Romantismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.113-122.
- [8] CALASSO, Roberto. **A literatura e os deuses**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 153p.
- [9] DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa, Portugal: Edições 70 – LDA, 1993. 112p.
- [10] \_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 551p.
- [11] FRANCESCHI, Antonio Fernando de. (Dir. Editorial). **Cadernos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, nº 8, outubro de 1999.
- [12] GIRARD, René. “O sacrifício”. In: \_\_\_\_\_. **A violência e o sagrado**. Tradução Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- [13] HILST, Hilda. **Poemas malditos, gozosos e devotos**. São Paulo: Globo, 2005. 92 p.
- [14] JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 5º Ed. Tradução Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2007. 447 p.
- [15] KAZANTZAKIS, Nikos. **Ascese: Os salvadores de Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1959. 120 p.
- [16] MASCARO, Sônia de Amorim. Hilda Hilst: Uma conversa emocionada sobre a vida, a morte, o amor e o ato de escrever. In: **Jornal da Tarde**. São Paulo, 21 jun. 1986.
- [17] OLIVEIRA, Fernanda Ribeiro Queiroz de. **O feminino e o sagrado nas santas de Cecília Meireles**. [Tese de doutorado]. Goiânia: UFG, 2006. 209 p.
- [18] PAZ, Octavio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- [19] PÉCORA, Alcir. Nota do Organizador. In: HILST, Hilda. **Poemas malditos, gozosos e devotos**. São Paulo: Globo, 2005. p.9-12.
- [20] RIBEIRO, Leo Gilson. Da ficção. In: **Cadernos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 80- 96, 1999.
- [21] TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e Antropologia do Imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. 318p.
- [22] VIEIRA, Beatriz de Moraes. **Poesia e história: diálogo e reflexão**. Uberlândia: Revista ArtCultura. v.7, n.10, Jan-Jun. 2005, p.7-21.